

## O SURGIMENTO DO MODELO BASEADO NA GRANDE EMPRESA CAPITALISTA MODERNA NA INDÚSTRIA DE LEITE NO BRASIL

Doutorado  
Joel José de Souza  
Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC)  
Cidade: Canoinhas/Brasil

Com o fim do tabelamento dos preços do leite na década de 1990<sup>1</sup>, um novo padrão de envase passou a tomar espaço no setor: o uso das embalagens do tipo longa vida (leite em caixinha – UHT<sup>2</sup>). Em 1990, o leite longa vida correspondia por 4,4% do mercado de leite fluido vendido no país; em 2000, esse tipo de embalagem já representava 68,8% e, em 2006, esse valor já era 75,8% (ABLV, 2010). O novo padrão de envase representa para o setor uma mudança na estrutura produtiva, permitindo a quebra definitiva da barreira regional gerada pelas grandes distâncias dos mercados em um país continental como o Brasil, que limitava um maior alcance espacial para o principal produto em volume do setor, o leite fluido.

O novo padrão produtivo gerou a possibilidade de mudanças estruturais em toda a cadeia produtiva. Na Região Sul do Brasil, tais mudanças foram impulsionadas pelo surgimento de novos grupos no setor e modernização dos já existentes. Entre as novas empresas que surgem na região e cooperativas que retornaram à industrialização, podem ser destacadas: 1990 – Cedrense, em São José do Cedro/SC; 1993 – Bom Gosto, em Tapejara/RS; 1996 – Terra Viva, em São Miguel do Oeste/SC; 2001 – Nestlé, em Palmeira das Missões/RS; 2002 – Cordilat, em Cordilheira Alta/SC; 2002 – Silvestre, em Três Barras/PR; 2004 – Aurolat, em Pinhalzinho/SC; 2007 – Castrolanda, em Castro/PR; 2008 – Relat, em Estação/RS; 2008 – Italac, em Passo Fundo/RS; e, em 2008, o retorno ao setor da CCGL<sup>3</sup>, em Cruz Alta/RS; em 2012, retorno da Cooperativa Batavo (Frísia) e a industrialização, em Carambeí/PR.

Tais mudanças tiveram como resultado um novo padrão produtivo baseado em plantas industriais, com capacidade de produção superior aos quinhentos mil litros/dia nas unidades instaladas na década de 1990, e, nos investimentos pós-1990, plantas com capacidade acima de um milhão de litros/dia (Tabela 1).

Tabela 1 – Unidades industriais para processamento de leite, instaladas na Região Sul do Brasil pós-anos de 1990, com capacidade de processamento superior a 1 milhão de litros/dia

Empresa	Investimento/ R\$	Capacidade	Principal produto	Localização
Aurora	160 milhões	2 milhões/l/dia	Leite em pó e UHT	Pinhalzinho/SC
CCGL	120 milhões	1 milhão/l/dia	Leite em pó	Cruz Alta/RS
Relat	30 milhões	1,2	Pó do soro do	Estação/RS

<sup>1</sup>O leite fluido tipo C, principal produto em volume do setor lácteo, teve seu preço tabelado, de 1945 a 1990.

<sup>2</sup> UHT é a sigla usada para o leite longa vida ultrapasteurizado, que é o leite líquido homogeneizado, que foi submetido durante 2 a 4 segundos a uma temperatura entre 130 e 150° C, mediante um processo térmico de fluxo contínuo; imediatamente resfriado a uma temperatura inferior a 32° C e [envasado assepticamente](#) (ABLV, 2010).

<sup>3</sup> A CCGL foi líder do setor no Rio Grande do Sul da década de 1970 a 1990, quando vendeu o setor de lácteos (Elegê) para o grupo Avipal, que hoje pertence à Brasil Foods. A marca Elegê é hoje a líder nacional em UHT.

		milhão//dia	leite	
Embaré	237 milhões	2 milhões//dia	Leite em pó, condensado e balas	Sarandi/RS
Castrolanda	95 milhões	1 milhão//dia	Leite em pó	Castro/PR
Cooperativa Batavo	38 milhões		Leite em pó	Pato Branco/PR

**Fonte:** Elaborada pelo autor com dados retirados do site da Milkpoint e em saídas de campo (2011 e 2012)

Esse novo padrão industrial teve como resultado a reorganização espacial do setor, com a alteração do padrão estrutural das unidades produtivas – de pequenas fábricas e usinas de leite, para produção industrial concentrada em plantas industriais com maior capacidade de produção –, visando diretamente a ganhos em escala, quebrando definitivamente com o caráter regional das indústrias localizadas na Região Sul do Brasil. Outra mudança importante ocorrida nos anos 1990, e que teve uma influência direta sobre o setor, está ligada ao local de comercialização final dos produtos, os quais mudaram dos tradicionais balcões de padaria, como principal local de venda direta do leite, para as gôndolas dos supermercados, sobretudo das grandes redes, que passaram a dominar a comercialização do leite fluido. Referida mudança permitiu ganhos em escala de todo o ciclo do produto, que inicia na produção, passa pela industrialização, chegando, então, à comercialização.

O impulso fundamental que põe e mantém em funcionamento a máquina capitalista procede dos novos bens de consumo, dos novos métodos de produção ou transporte, dos novos mercados e das novas formas de organização industrial criadas pela empresa capitalista (SCHUMPETER, 1961, p. 110).

Tais mudanças, que passaram a ocorrer a partir da década de 1990, foram ocasionadas por investimentos em logística em toda a cadeia produtiva, como, por exemplo, o aumento no uso de resfriadores de leite nas propriedades, possibilitando um maior alcance espacial na captação de leite feita pelas indústrias, pela disseminação da coleta a granel, com o uso dos caminhões isotérmicos. Martins e Faria (2006, p. 54) afirmam que “os laticínios introduziram o conceito de logística integrada, o que levou ao fechamento de postos de resfriamento, redução de rotas de coleta, demissão de pessoal e aumento de carga transportada por caminhão”. Em síntese, maior competitividade do setor em face do mercado, tendo como reflexo a busca constante por inovações em todas as escalas do setor produtivo.

O processo de concentração industrial teve como um dos resultados a entrada de grandes grupos do agronegócio de capital nacional no setor, como Brasil Foods e Cooperativa Aurora, e a formação de novos, como a LBR por meio da política de fusões e aquisições, que passou a ocorrer na última década, trazendo como resultado mudanças estruturais em toda a cadeia produtiva. Mudanças tais que tiveram início na década de 1990 com a entrada de grupos de capital estrangeiro, como Parmalat, e que, nos anos 2000, passa a ser feita por grupos de capital nacional, como resposta do setor à influência do neoliberalismo econômico implantado pelos governos do Brasil nos anos 1990, cujas consequências eram o impedimento do desenvolvimento do capital local em países periféricos, como no caso do Brasil, colocando a periferia do sistema a serviço do imperialismo, freando o desenvolvimento do capital nacional.

O aumento da concentração industrial gerado por grupos de capital nacional nos anos 2000 ajudou a gerar ganhos de competitividade da indústria nacional diante das de capital estrangeiro no setor, formando uma estrutura oligopolista, tendo, na captação da matéria-prima, o principal momento de concorrência entre as empresas, gerando reflexos importantes sobre os produtores

No caso dos produtores de leite, a Região Sul do Brasil tinha 606 mil produtores em 1996, destes apenas 412 mil continuavam na atividade em 2006, totalizando uma perda de 32% do número de produtores (IBGE, 1996, 2006). A diminuição do número de produtores não levou a produção a declinar, pelo contrário, a produção aumentou 28% no mesmo período, pois, para sobreviver no modelo capitalista de produção, os produtores que continuaram suas atividades foram obrigados a aumentar seus ganhos em escala, assim como na indústria.

O aumento de produtividade, por sua vez, deve ser computado de forma líquida, com aumento de ganhos menos aumento de custos, pois, ao alterar-se o modo de produzir, a economia incorre em novos custos (serviços). Não basta que o tecelão possa produzir na fábrica mais do que o tecelão na fazenda (deduzindo a amortização do capital). Deve obter também um aumento de produção suficiente para compensar o aumento havido nos custos, representado pelos serviços (RANGEL, 2005, p. 124).

As propriedades rurais envolvidas com a produção de leite no país, na busca pelo equilíbrio entre aumento de produção e custos produtivos, estão gradativamente sendo transformadas no que é conhecido na literatura como modelo de produtor familiar americano (*farmer*), ou seja, um pequeno empreendedor ousado, pequeno industrial inovador, isto é, um pequeno-burguês-capitalista. O resultado dessa mudança tem como reflexo o surgimento de propriedades rurais com um maior volume de produção diário, gerado para compensar o aumento nos gastos produtivos em razão do maior volume de investimentos na aquisição de insumos.

O fortalecimento da ligação entre produtores e indústria tem como fator determinante a substituição gradativa da coleta de leite não resfriado (leite transportado em galões), pela coleta a granel (leite resfriado na propriedade). A granelização teve como característica duas mudanças importantes para o setor: a primeira foi a de aproximar a indústria dos produtores, enfraquecendo o papel do freiteiro (ou leiteiro) na intermediação, e o segundo ponto é a “introdução do conceito de logística integrada, o que levou ao fechamento de postos de resfriamento, redução de rotas de coleta, otimização da mão-de-obra e aumento do volume transportado por caminhão” (CARVALHO, 2010, p. 3).

A pecuária leiteira gera bons resultado, quando produz leite em escala (grandes volumes). Para alcançar a escala, existe a necessidade de capital para adaptar-se às exigências de mercado. A escala melhora o poder de troca nas negociações, tanto nas compras como nas vendas, e há a redução de custos, como, por exemplo, de frete (NOGUEIRA et al., 2006, p. 113).

A indústria de laticínios, a partir da introdução dessas mudanças na Região Sul, passou a sofrer um processo de transição, baseado no modelo da grande empresa capitalista moderna, que visa eliminar concorrência, gerando unidades produtivas com capacidade ociosa e maior poder de atuação espacial, tendo em vista não somente o mercado regional, como acontecia até início da década de 1990 no Brasil, mas também um modelo que credencie o setor a ter uma maior competitividade no mercado internacional. A imposição de novos padrões produtivos representa, para o setor, o que Schumpeter (1961) chama de destruição criadora, que leva a mudanças estruturais em toda a cadeia produtiva.

Similarmente, a história da aparelhagem produtiva de uma fazenda típica, desde os princípios da racionalização da rotação das colheitas, da lavra e da engorda do gado até a agricultura mecanizada dos nossos dias

— juntamente com os silos e as estradas-de-ferro — é uma história de revoluções, como o é a história da indústria de ferro e aço, desde o forno de carvão vegetal até os tipos que hoje conhecemos, a história da produção da eletricidade, da roda acionada pela água à instalação moderna, ou a história dos meios de transporte, que se estende da antiga carruagem ao avião que hoje corta os céus. A abertura de novos mercados, estrangeiros e domésticos, e a organização da produção, da oficina do artesão a firmas, como a U. S. Steel, servem de exemplo do mesmo processo de mutação industrial — se é que podemos usar esse termo biológico — que revoluciona incessantemente\* a estrutura econômica a partir de dentro, destruindo incessantemente o antigo e criando elementos novos. Este processo de destruição criadora é básico para se entender o capitalismo. É dele que se constitui o capitalismo e a ele deve se adaptar toda a empresa capitalista para sobreviver (SCHUMPETER, 1961, p. 110).

Como consequência para o setor, há a mudança de padrão das plantas industriais levando à padronização de toda a cadeia produtiva, dentro dos requisitos internacionais de produção, em que a adoção do pagamento por qualidade (valorizando os sólidos do leite) surge como forma de incentivar e obrigar a modernização na propriedade rural, fechando, dessa forma, o padrão industrial de produção para todo o ciclo de produção do leite. Confirmando a tese de que o modelo baseado na economia natural passa a ser totalmente dominado pela economia de mercado, no qual o agricultor passa a desempenhar um novo papel, que numa economia desenvolvida seria chamada de trabalhador industrial (RANGEL, 2005).

## REFERÊNCIAS

ABLV (Associação Brasileira da Indústria de Leite Longa Vida). **Estatísticas**. Disponível em: <<http://www.ablv.org.br/Estatisticas.aspx>>. Acessado em: 1 mai. 2010.

CARVALHO, Glauco R. **A indústria de laticínios no Brasil: passado, presente e futuro**. Embrapa Circular Técnica, Juiz de Fora, 2010.

IBGE. **Censo Agropecuário**. Rio de Janeiro, 1996 e 2006.

MARTINS, Paulo do Carmo; FARIA, Vidal Pedroso de. Histórico do Leite no Brasil. In: CÔNSOLI, Matheus Alberto; NEVES, Marcos Fava (Org.). **Estratégias para o Leite no Brasil**. São Paulo: ATLAS S.A, 2006.

NOGUEIRA, Maurício Palma et al. Produção Leiteira. In: CÔNSOLI, Matheus Alberto; NEVES, Marcos Fava (Org.). **Estratégias para o Leite no Brasil**. São Paulo: ATLAS, 2006.

RANGEL, Ignácio. **Ignácio Rangel Obras Reunidas**, v. 1. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

\_\_\_\_\_. **Ignácio Rangel Obras Reunidas**, v. 2. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

SCHUMPETER, Joseph A. **Capitalismo, Socialismo e Democracia**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.